

AÇÃO DO OPERARIADO EM PETRÓPOLIS NA PRIMEIRA REPÚBLICA – A GREVE DE 1918

Pedro Paulo Aiello Mesquita*

INTRODUÇÃO

A cidade de Petrópolis fica situada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, possuindo mais de 800 metros de altitude em relação ao nível do mar. No final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a cidade presenciou o crescimento dos estabelecimentos industriais, sobretudo têxteis, que eram instalados com o capital de comerciantes cariocas que procuravam investir naquela cidade serrana. (MARTINS, 1978:14)

Dessa forma, as primeiras indústrias têxteis surgem na década de 70 de século XIX; a São Pedro de Alcântara e a Companhia Petropolitana. Em 1889 surge a Companhia Dona Isabel e em seguida, já no início do século XX, a Companhia Cometa, todas têxteis. (AMBROZIO, 2008:76)

Esse crescimento industrial de Petrópolis explica o grande crescimento demográfico que se percebe no período de 1870 a 1920, atestado na tabela abaixo:

TABELA 1: CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO EM PETRÓPOLIS

DATA	POPULAÇÃO	CRESCIMENTO POPULACIONAL
1872	7.219	-
1890	13.574	353 pessoas por ano
1920	67.574	2700 pessoas por ano

(Feito com base em: DIEGUES JR, 1964)

O crescimento industrial e demográfico pode ser percebido durante a Primeira República (1889-1930) ao criar uma realidade operária voltada aos movimentos de protesto, corporativismo, estratégias nos estabelecimentos industriais por parte de

*Mestrando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista de Monitoria da UFJF

patrões e empregados, mas também por realidades fora do mundo do trabalho. A esse respeito, cita-se a política, aonde os representantes da classe operária vinham tentando galgar espaço com extrema dificuldade, assim como se vê a vida cotidiana, como nos panfletos operários, a mídia, o corporativismo e a luta em defesa dos direitos dos trabalhadores.

Priorizar-se-á neste texto um momento da República Velha especial para perceber a realidade operária em Petrópolis. Trata-se do ano de 1918, ano em que se percebe uma forte estrutura corporativista entre os trabalhadores em uma grande greve organizada em uma das companhias têxteis; a Companhia Cometa.

O OPERARIADO PETROPOLITANO E A GREVE DE 1918

Todo aquele período de 1917-1920 caracterizou-se por uma onda irresistível de greves de massa, que em muitos lugares assumiram proporções grandiosas. Já antes mesmo, em junho de 1917, tinha havido a greve geral em São Paulo, paralisando completamente, durante alguns dias, a vida da cidade. Em 1918, 1919, 1920, no Rio, de novo em São Paulo, em Santos, em Porto Alegre, na Bahia, em Pernambuco, em Juiz de Fora, em Petrópolis, em Niterói e outras muitas cidades de norte a sul do país, as greves operárias se alastravam com ímpeto avassalador. Eram movimentos por aumento de salários e melhoria das condições de trabalho, mas uma coisa se mostrava evidente – a influência da Revolução de Outubro como estímulo à combatividade da classe operária. (PEREIRA,1962:30)

Essa realidade se mostra de diferentes formas dentre os estabelecimentos têxteis em Petrópolis. A Companhia Petropolitana era a maior das fábricas, possuía o maior número de operários e fica situada no bairro Cascatinha, há oito quilômetros do centro da cidade. Naquela fábrica não houve qualquer movimento grevista naquele período de 1917-1920. Não que os movimentos grevistas não ocorressem naquela companhia, muito pelo contrário, eles foram recorrentes em outros momentos. Acontece que naqueles anos formou-se no interior daquela fábrica uma conciliação entre patrões e empregados; os patrões da Petropolitana citam em seus relatórios anuais que várias benevolências foram concedidas ao operariado; tais como jornadas reduzidas de trabalho (oito horas, o que naquele momento era uma exceção), além de casas a preços módicos na vila operária que ficava entorno da Companhia, a construção de igreja para atender ao operariado católico, clubes, saraus e até campo de futebol¹. Tudo como uma

¹ Esses dados podem ser encontrados nos relatórios anuais da diretoria da Companhia Petropolitana que estão reunidos em um volume intitulado “História da Companhia Petropolitana”.

estratégia do empresariado para manter o operariado no trabalho, sem greves e protestos. Naqueles anos de 1917-1920 isso parece ter funcionado naquela fábrica

No outro lado da cidade, entretanto, a situação era muito diferente. A Companhia Cometa, situada no Alto da Serra, entrava em greve em 1918. A greve naquela companhia foi causada em virtude de “os trabalhadores se recusavam a aceitar a demissão de 14 companheiros, revelando um grande senso de solidariedade. Além disso, reivindicavam aumento nos salários e protestavam contra a indicação do chefe das caldeiras” (MACHADO, 2005:32)

Assim, fica claro como a cultura política de uma empresa pode possuir contornos específicos não verificados em suas congêneres, mesmo compartilhando com essas a lógica social do período em escalas mais amplas, tais como a Revolução de Outubro na Europa Oriental e a maior difusão dos ideais socialistas, a crise econômica em âmbito nacional que influenciava no preço do algodão e mais especificamente a epidemia de gripe espanhola que assolava Petrópolis naquela época. Assim mesmo, os operários adotavam ações distintas; a greve na Cia. Cometa e a inoperância na Cia. Petropolitana.

A Companhia Cometa foi fundada pela iniciativa de Cavaliere Pareto, italiano empreendedor que foi para Petrópolis como agente detentor dos bens de produção, ao contrário da grande quantidade de italianos que migraram para aquela cidade serrana na qualidade de operários. Cavaliere Pareto fundou a Companhia Cometa no ano de 1903. O capital aplicado foi de dois mil e quatrocentos contos de réis ou ainda quatro milhões de libras italianas. Fundou tal companhia no mês de maio daquele ano e tornou-se seu proprietário ao deter a maior parte das ações (DE CUSATIS, 1993: 9)



Prédio da Cometa do Alto da Serra onde ocorreu o movimento grevista. MUSEU IMPERIAL/IBRAM/MINISTÉRIO DA CULTURA. O prédio e a chaminé foram demolidos nos anos 1980 para a construção de um shopping, mostrando grande desmazelo pelo patrimônio histórico.

A Cometa Petrópolis, como era chamada, foi fundada na cidade possuindo duas sedes; uma no Alto da Serra e outra no Meio da Serra, sendo dentre todas as companhias têxteis de Petrópolis a que possuía maior proximidade com a cidade do Rio de Janeiro.

A questão combativa do operariado da Cometa e que também se verifica na Companhia São Pedro de Alcântara, localizada bem no centro da cidade, fica patente no prolongado movimento grevista que ocorreu no início do segundo semestre de 1918 naquelas fábricas. Na edição de 03 de julho de 1918 a Tribuna de Petrópolis noticiava que um grupo de operários da Cometa foi até a redação do jornal informar que haviam declarado greve. Antônio Luiz Júnior, um dos operários, afirmou que o motivo do protesto se dava em virtude de uma decisão da diretoria daquela instituição em restituir a chefia das caldeiras da fábrica a Manoel Rodrigues. Esse indivíduo era acusado pelos operários de não possuir a menor idoneidade uma vez que já havia estourado as caldeiras e até agredido o gerente e que sua recolocação no cargo iria por a segurança dos operários em perigo, ocasionando assim a greve.

Criou-se assim um ambiente instável. A polícia cercou o prédio da fábrica. A razão principal do protesto foi acrescida demissão injusta de 14 operários por conta da diretoria da fábrica. Concomitantemente ao cerco da polícia nas irradiações do prédio da Cometa do Alto da Serra, houve um incêndio em um barracão próximo à fábrica, na Rua Teresa, que causou enorme espanto na população.

Naquele barracão moravam operários da Companhia Cometa e as causas do incêndio são trazidas no jornal no depoimento de Porcina Maria da Conceição. Morava este mulher com mais pessoas, tais eram Arminda Moura e seus dois filhos operários, Maria Cristina e Alice Miranda, operária que tinha três filhas. Todos saíram de casa por volta das 19 horas e Porcina ficou sozinha, ao que resolveu sair também e deixou a lamparina de querosene em cima da mesa forrada de jornal, sem maiores precauções. Daí a ocorrência do sinistro. Se foi ocasional não se sabe, na verdade é pouco provável pois as instalações não faziam parte das propriedades da Cometa, eram da propriedade do senhor Jacob Brand, de 83 anos, que foi levado para outro prédio em virtude dos transtornos do incêndio.

Os moradores do barracão foram sumamente prejudicados pelo incidente por que ficaram sem moradia, prejudicando ainda mais a situação que já vinham

enfrentando. Logo, na reunião da União dos Trabalhadores o auxílio àqueles infelizes entrava na pauta, concomitantemente à greve que se travava.

A tradicional Tribuna de Petrópolis publicaria no dia seguinte um artigo de grande feição combativa assinado por Santos Júnior (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 04 de julho de 1918). O autor esteve na União dos Trabalhadores na ocasião em que os grevistas se reuniram. A sala estava cheia de mulheres para a sessão presidida por Albino Dias, cuja condução foi feita com um falar vagaroso, claro e cativante, sincero e tudo isso porque, na visão do autor, é um trabalhador, ao qual o autor coloca na mesma condição de escravo, dando o tom crítico à questão trabalhista. Nisso, chega mesmo a citar Marx ao dizer que acreditava ser a emancipação dos trabalhadores obra dos próprios trabalhadores.

Naquela sessão da União vários trabalhadores tomaram a palavra, entre eles uma mulher, “gasta pelo trabalho” nas palavras de Santos Júnior, e que em seu discurso não usou eloquência nem palavras tendenciosas, mas valeu-se de um ódio sincero pela condição dos trabalhadores e protestava contra a demissão de quatorze companheiros.

O senso de comunhão do grupo se manteve nos dias seguintes. A fábrica ficava irreduzível à queixa da demissão dos operários. Seus colegas de trabalho da Cometa, instalada no Alto da Serra, mantém-se em solidariedade, ficam em suas casas e não atendem ao apito da fábrica. A União se encarregava de não deixar faltar nada aos seus trabalhadores associados, mostrando um organizado sistema de colaboração dentre aqueles trabalhadores em 1918. Apesar disso, é possível perceber nas reportagens sobre a greve na Tribuna de Petrópolis que a diretoria divulgou que pagaria a quinzena de salário no dia 15 daquele mês de junho, numa clara tentativa de esfriar a combatividade dos operários. Entretanto, o senso de companheirismo parecia maior e no dia seguinte o mesmo periódico noticiava que os operários pegaram sua quantia e mantiveram-se em greve em razão da demissão de seus companheiros.

Em 22 de julho de 1918 a fábrica volta a funcionar com um pequeno número de funcionários que não aderiram à greve, somado com alguns que vieram da filial implantada no Meio da Serra. A polícia esteve presente para que os fura-greves pudessem trabalhar e ao que consta na Tribuna de Petrópolis do dia 23 de julho não houve nenhum incidente. A própria União incentivava os grevistas a tolerar os que quisessem trabalhar.

A questão referente à demissão dos 14 operários estava perto de ser resolvida com a readmissão dos mesmos. O que de fato parece ter procedido pelo compromisso tomado por autoridades competentes. Na verdade, alguns deles já nem queriam mais voltar para a fábrica, assim mesmo, o movimento grevista se colocou diante da busca que os mesmos voltassem e então, se fosse o caso, pedissem a demissão.

A União se colocou claramente a favor daqueles trabalhadores demitidos, ofereceu auxílio em alimentação a eles e aos demais que sofressem qualquer penúria financeira em virtude da greve que se processava. Além disso, se disponibilizam a ajudar com víveres e dinheiro recolhido pelos demais operários aqueles companheiros seus que sofreram a perda de sua moradia com o incêndio do barracão na Rua Teresa.

A União não atendia apenas aos operários da Cometa, é digno de nota que o operariado da São Pedro de Alcântara também participava das reuniões que se realizavam na União e faziam peso para que as medidas em auxílio aos operários durante a carestia de guerra se tornassem realidade. Exemplo disso é que na mesma edição de 23 de junho, a Tribuna informa que na sede da União ocorreria à tarde uma reunião com operários da Cometa e à noite com os operários da São Pedro de Alcântara, que também paralisavam a produção na exigência de melhores condições. Entretanto, o movimento da Cometa teve mais repercussão pelo tamanho e intensidade que atingiu.

A greve na Cometa do Alto da Serra continuava e no dia 28 de julho de 1918 a Tribuna de Petrópolis trazia a informação que no dia anterior o presidente, o vice-presidente e o secretário geral da União dos Operários em Fábrica de Tecido estiveram no Rio de Janeiro para negociar com a autoridade da fábrica, o comendador Amoroso Lima, termos para o fim da greve. Esses termos deveriam ser alcançados de forma a não quebrar a autoridade da classe dirigente e ao mesmo tempo não significar uma transigência por parte dos trabalhadores.

Não se chegou a termo nenhum e manteve-se continuar a greve, que se prolongava de forma ordeira e sem maiores confusões.

A greve já ia completando um mês no dia 31 de julho sem que as partes entrassem em acordo nos melhores termos para a solução do embate de forma que ambos mantivessem o respeito e não dessem a impressão de ser vencido. Os diretores da fábrica, naquele dia, tiveram reunião com diretores da União Geral dos Operários em Fábricas de Tecido na cidade do Rio de Janeiro e também com o prefeito de Petrópolis,

Oscar Weinchenck², na iminência de se encontrar o quanto antes a solução para o protesto que vinha se mantendo na Cometa.

Vale salientar que o cooperativismo era tratado em artigo da Tribuna de Petrópolis de forma enaltecida. Aqueles anos em que transcorria a I Guerra Mundial vinham sendo marcado por carestias e crises econômicas de maior vulto. Não havia como não sentir os embates da crise que se sofria. Nesse sentido é que o cooperativismo, principalmente entre os operários, era uma importante ferramenta de ajuda mútua para superar os percalços da época (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 02 de agosto de 1918).

Esse corporativismo era feito entre os próprios operários, sem qualquer intervenção do Estado nessa organização. A União dos Trabalhadores Têxteis de Petrópolis seguia essa tendência e buscava uma forma de ajudar os operários afetados diretamente e aqueles injustiçados pelos patrões.

Naqueles anos de tumulto econômico causado pela I Guerra, as questões entre classes parecem ter se afluído. Da mesma forma, havia uma perspectiva que a partir do término do confronto naquele ano, houvesse uma nova realidade no mundo do trabalho. O trecho da Tribuna de Petrópolis a seguir é emblemático dessa perspectiva:

O problema do salariedade complica-se e amanhã pode apresentar-se nos insolúvel. Da grande guerra, certamente, ha de sair a grande transformação social. Qual será, nós não o sabemos, mas o tempo de olhar com seriedade para mil questões que agitam os espíritos. (...) é necessário, urgentemente necessário, combinar o pensamento dos governantes com as aspirações dos proletários. Sem esta harmonia, todo o esforço redundará inutil, se não perigoso. (...) Os senhor prefeito do nosso município mostrou uma bella compreensão do momento, empenhando-se no sentido de terminar a “grêve da Cometa”, sem humilhações para os operarios e sem quebra de autoridade para a directoria.” (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 04 de agosto de 1918)

Na mesma reportagem, há a informação que a União dos Operários em Fábricas de Tecido entregou à Câmara Municipal um documento que exigia uma série de medidas para atender o operariado naqueles dias de carestia. Eram as medidas; oito horas diárias de trabalho, fixação de ordenado mínimo para os adultos, fim dos descontos no salário, não obrigar o tecelão a trabalhar em mais de duas máquinas, não admissão de menores de 14 anos - que certamente era uma medida voltada a não tirar o

² Oscar Weinschenck foi o primeiro prefeito em atividade de Petrópolis, cuja prefeitura foi criada em 1916. O primeiro prefeito nomeado foi Osvaldo Cruz, que não pode realizar o mandato por conta de suas complicações de saúde, ficando o mesmo a cargo de Oscar Weinschenck.

emprego dos adultos, que ganhariam mais - licença para a mulher um mês antes do parto e um mês depois, com totais vencimentos. Veja só; exigia-se algo como deixar a mulher de oito meses de gestação em repouso e continuar em repouso somente um mês após o parto, era o mínimo da humanidade o que se queria, licença paternidade nem pensava em pedir! Essas e outras medidas foram encaminhadas a fim de solucionar os graves problemas do proletariado em virtude da carestia de guerra.

As medidas foram encaminhadas para análise da prefeitura junto aos industriais. Entretanto, chegou-se em um acordo e no dia 02 de agosto daquele ano houve um termo de conformidade entre os operários grevistas e a diretoria da fábrica Cometa. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 04 de agosto de 1918). A ação de resolver a pendenga vinha sendo levada a termo pelo então prefeito Oscar Weinschenck, o presidente da câmara; Arthur Barbosa e os diretores da União, principalmente Albino Dias. Até que finalmente a greve terminou sem que houvesse marcas de transigência de um lado e de outro.

A Tribuna de Petrópolis em artigo publicado um dia após a solução do conflito assume sua posição de jornal conservador, mas não deixa de parabenizar os operários pela atitude combativa, organizada e não violenta com que levaram a termo a greve que se verificou durante um mês, citando novamente o axioma marxiano de que a emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos mesmos trabalhadores. O jornal parabeniza a União dos Operários em Fábrica de Tecidos e à diretoria da Cometa, na figura do comendador Amoroso Lima, uma vez que ambos entraram em acordo pelo fim da greve.

O que se pode perceber é que foram vários os motivos que foram levando à paralisação do operariado da Cometa do Alto da Serra; a recontração do chefe de caldeiras, a demissão injusta de companheiros, que somaram-se às más condições de vida e trabalho ocasionadas, ou melhor dizendo, aumentadas pela carestia de guerra, que somando levou à organização do movimento que se arrastou por um mês inteiro, levando em fim à uma negociação final que mostrou certa maturidade política daqueles operários em plena República Velha em exigir melhorias no trabalho e lutar por direitos.

A União dos Operários em Fábricas de Tecido iniciou suas atividades no Rio de Janeiro em agosto de 1917, possuindo uma delegação em Petrópolis, situada na

Avenida 15 de novembro, atual Rua do Imperador. Tal organização era baseada no sistema de “Trade Union’s” e tinha um papel combativo em prol do operariado, sempre sem a filiação ao Estado e muitas vezes agindo diretamente contra as determinações deste e dos patrões.

Em Petrópolis, o aniversário de segundo ano da entidade se deu no clima da realização nos acordos dos operários da Cometa, prevendo-se uma grande festa no Palácio de Cristal, cedido pelo prefeito para tal fim.

BIBLIOGRAFIA

AMBROZIO, J. C. G. *O Presente e o Passado no Processo Urbano da Cidade de Petrópolis (uma história territorial)* Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008

CARVALHO, Áurea. M. de Freitas. *Petrópolis: Novo Ano, Novo Século, Novo Milênio e Novas Perspectivas*. In: Site de Instituto Histórico de Petrópolis. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/ihp/site/> Acessado em 01 de outubro de 2010

CUSATIS, José. *Os Italianos em Petrópolis*. Petrópolis. Edição da Câmara Municipal. 1993

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Imigração, Urbanização e Industrialização*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas e Educação. 1964

MACHADO, Paulo. *Pão, Terra e Liberdade na Cidade Imperial*. A Luta antifascista em Petrópolis em 1935. Rio de Janeiro UFRJ 2005

MAGALHÃES, José César. *A Função Industrial de Petrópolis*. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1966

MARTINS, Ismênia de Lima. *Subsídios para a História da Industrialização em Petrópolis*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis: 1978

PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1962

TRIBUNA DE PETRÓPOLIS. 03 de julho de 1918. Ano XVII. Número 181.

----- 04 de julho de 1918. Ano XVII Número 182

----- 02 de agosto de 1918. Ano XXVII N. 211

----- 04 de agosto de 1918. Ano XVII número 213